



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA LÚCIA

**MANIFESTAÇÕES DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DE VARIAÇÃO NA
POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ**

CAJAZEIRAS - PB

2019

MARIA LÚCIA

**MANIFESTAÇÕES DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS DE VARIAÇÃO NA
POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras / Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação
para obtenção do título de licenciado em
Letras.**

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da
Silva**

CAJAZEIRAS – PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L937m Lúcia, Maria.
Manifestações dos fenômenos lingüísticos de variação na poesia de Patativa do Assaré / Maria Lúcia. - Cajazeiras, 2019.
39f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Literatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2019.

1. Variação lingüística. 2. Oralidade. 3. Patativa do Assaré. 4. Sociolingüística. 5. Oralidade nos poemas. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'27

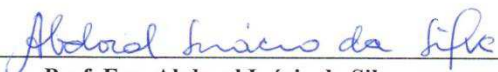
MARIA LÚCIA

MANIFESTAÇÕES DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS DE VARIAÇÃO NA
POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

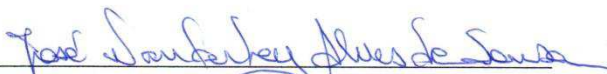
Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.

Aprovado em: 11/10/2019

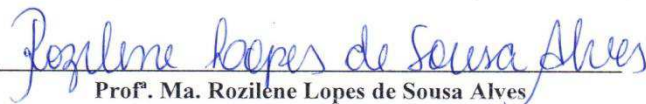
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves
(UAE/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, por esta realização, por ter permitido e me ajudado a superar as tribulações.

PARA SEMPRE, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que durante toda a minha caminhada esteve comigo, iluminando meus passos, mantendo-me firme e forte em meus anseios e objetivos.

Aos meus pais (*in memoriam*).

Aos meus professores, em especial ao meu orientador Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva pela paciência, compreensão e atenção em todos os momentos.

Aos meus amigos de graduação Alzenir, Sandriana, Daniele, Valdenez, Marcus Paulo, José Venâncio, Elionaldo pela compreensão, amizade, companheirismo e carinho que tiveram comigo durante toda a jornada percorrida, pela partilha e oportunidade de convivência.

Agradeço aos demais colegas aqui não citados, mas que contribuíram de alguma forma para a realização da minha trajetória acadêmica. Muito obrigada.

**“O melhor da nossa
Vida é paz, amor,
União e em cada
Semelhante a gente ver
Um irmão”.**

(Patativa do Assaré)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise linguística, com especial para a oralidade nos poemas: O poeta da roça (2007) e Brasi cima e Brasi de baixo (2007) do poeta cearense Patativa do Assaré. Para a realização desta pesquisa temos como objetivo geral analisar algumas variações no léxico dos poemas do ponto de vista estrutural, além de uma perspectiva gerativista e sociolinguista. Para isso temos como objetivos específicos relacionados à temática: apresentar, a partir da poesia de Patativa os fenômenos da oralidade que se manifestam através da cultura popular na sua obra; perceber algumas características que relacionam a escrita e fala; identificar alguns fenômenos linguísticos relacionados ao léxico presentes nos poemas O poeta da roça e Brasi de cima e Brasi de baixo. Pretende, ainda, apresentar uma breve análise da obra do autor, destacando a importância política e social para a cultura nordestina, além disso, evidenciar as marcas da oralidade na sua poesia. A pesquisa bibliográfica, tem natureza qualitativa. Quanto ao aparato teórico, fundamentamo-nos nas teorias de Suassure, Chomsky, Marcuschi entre outros. A análise tomando como referência, concepções estruturalistas gerativistas e sociolinguísticas constituem elementos significativos. Ressaltando ainda o valor literário da poesia, que valoriza a variedade da língua, a partir da oralidade de como uma marca cultural nordestina. Com isso pretendemos contribuir para a cultura que muitas vezes, não é valorizada na sua integridade, pelo fato de ser produzida em uma variedade da língua menos prestigiada na sociedade.

Palavra chave – Oralidade. Variação linguística. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

This research presents a linguistic analysis with emphasis on the orality in the poems: "O poeta da roça" (2007) and "Brasi de cima e Brasi de Baxo" (2007) by Patativa do Assaré, a poet from the state of Ceará, Northeast of Brazil. To accomplish this research, we have as general objective to analyze some variations in the lexicon of poems from a structural point of view, in addition to a generativist and sociolinguistic perspective. For this purpose we have specific objectives related to the theme: to present, from the poetry of Patativa, the phenomena of orality that manifest themselves through popular culture in his work; to perceive some characteristics that relate writing and speech; identify some linguistic phenomena related to the lexicon present in the poems "O poeta da roça and Brasi de cima" e "Brasi de baxo". We also present a brief analysis of the author's work, highlighting its political and social importance for Northeastern culture, besides evincing the marks of orality in his poetry. This bibliographic research has a qualitative nature. As for the theoretical apparatus, we are based on the theories of Suassure, Chomsky, Marcuschi, among others. The analysis takes as reference structuralist, geractivist and sociolinguistic conceptions, which constitute significant elements for the same. It is also emphasized the literary value of poetry, which attach importance to variety of language, from orality as a northeastern cultural mark. With this we intend to contribute to the culture that is often not valued in its integrity, because it is produced in a variety less prestigious language in society.

Key words: Orality. Linguistic variation. Patativa do Assaré.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIMENSÃO DE LINGUAGEM, LÍNGUA, FALA E ESCRITA.....	11
1.1 NOÇÃO DE LINGUAGEM.....	14
1.2 NOÇÃO DE LÍNGUA.....	15
2 PATATIVA DO ASSARÉ: O POETA DA ROÇA	25
3 ANÁLISE DOS POEMAS: <i>O POETA DA ROÇA E O BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO</i>.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	39

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos que nortearam este trabalho é fruto de algumas pesquisas baseadas na obra deixada pelo poeta Patativa do Assaré através de coletâneas *Cante lá que eu Canto Cá*. O poeta deixou registrado a sua obra, que foi reunida em coletâneas. Assim, o valor da literatura produzida pelo poeta pode ser estudada e analisada. A partir dessa temática, pretende-se aprofundar alguns aspectos da obra no que diz respeito à oralidade e à escrita, cujo objeto de estudo serão as poesias de Patativa do Assaré, “*o poeta da roça*” e “*Brasi de Cima e Brasi de baxo*”.

Para tanto, partimos da problemática que indaga: como são manifestadas na poesia de Patativa do Assaré os fenômenos linguísticos de variação? Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir da poesia do poeta cearense, os fenômenos da oralidade que se manifestam através da cultura popular.

Para fundamentarmos o nosso trabalho, recorreremos aos teóricos Saussure (2012), Chomsky (2002), Marcuschi (2010), dentre outros. Essas obras mostram a relação entre fala e escrita, ou seja, suas consequências no processo das duas modalidades de comunicação.

Observando o seu poema, percebemos seu cunho crítico com relação ao contato social e político sua identidade de homem e intelectual que se moldou a partir das dificuldades desde a infância pobre. Ficou órfão de pai e tendo de assumir o papel de arrimo de família, por isso em sua poesia é perceptível as marcas dessas experiências.

O trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, faremos breves considerações sobre a dimensão de linguagem, língua, fala e escrita, bem como discorreremos a noção de linguagem e noção de línguas.

O segundo capítulo, apresenta a biografia do poeta Patativa do Assaré, poemas e depoimentos em defesa do camponês e outras questões sociais e políticas.

No terceiro capítulo, iremos analisar de uma forma literária e linguística os poemas: *O poeta da roça* e o *Brasi de cima e Brasi de baxo*.

Por último, apresentaremos as considerações acerca da pesquisa realizada, e logo em seguida, constarão as referências.

1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIMENSÃO DE LINGUAGEM, LÍNGUA, FALA E ESCRITA

Sabe-se, de acordo com os estudos linguísticos ao longo do tempo, que a oralidade foi uma das primeiras formas de comunicação utilizada pelo indivíduo, e posteriormente passou a ser executada em grupo. Após um longo processo de uso da oralidade surge a escrita, que facilitou os processos de comunicação, o que permitiu os primeiros registros em diversos materiais como placas de argila, passando pelo uso de outros materiais até chegar a outros suportes, como por exemplo, o papel o que possibilitou a impressão de livros e posteriormente jornais etc. Novas formas de comunicação foram descobertas para facilitar a comunicação, facilitar a vida do homem e aproximá-lo cada vez mais, vencendo grandes distâncias, a exemplo, do rádio, da televisão, da internet, etc.

Não há como realizar as atividades de comunicação na sociedade atual, sem o uso da linguagem nas diversas possibilidades oferecidas pelos diversos meios de comunicação. Embora usemos a linguagem oral desde a infância, foi somente com a evolução da sociedade e o surgimento da escrita que surgiram as condições para o estudo dos fenômenos linguísticos.

Os conceitos de língua e de linguagem são muitas vezes confundidos pelos usuários de uma língua. Nos manuais de ensino, a definição de linguagem vem quase sempre de maneira semelhante a de língua como se fossem sinônimas.

A partir do conceito de Saussure (2012), considerado pai da Linguística, esses conceitos definidos com mais clareza, ele trouxe uma perspectiva de estudo da língua dividido em dicotomias, por exemplo, língua/fala, sincronia/diacronia. Nesse sentido, o autor define que a língua surge das diversas convenções estabelecidas entre os indivíduos, que se apropriam delas para a comunicação. Embora haja essa perspectiva que considera o indivíduo agente no uso da língua, a concepção saussuriano é estruturalista, isto significa que a língua é sistema e por essa razão há pouca interferência do indivíduo, pois as normas são definidas sem necessariamente a intervenção individual. Contrapondo-se a essa perspectiva há uma concepção que define a linguagem como um campo mais amplo do que a língua, pois considera o indivíduo como participante no processo de uso da língua.

A linguagem se manifesta de outras formas como sinais de trânsito, imagens visuais, gestos como dança, etc. Nessa perspectiva, Saussure apresenta a língua

como um sistema convencional e arbitrário, isto é, o signo linguístico não traz em si elementos ou referências relacionadas diretamente ao objeto. Ele fundamenta essa concepção a partir da dicotomia significante/significado, por exemplo, a palavra cadeira na sua constituição não remete diretamente ao objeto, pois dependendo da língua será definida por um signo linguístico diferente. Nesse sentido a outra parte da dicotomia é o significado que é a atribuição de sentido àquele signo linguístico, por exemplo, um falante da língua portuguesa, ao ouvir a cadeia sonora representada pelos fonemas lembrará de objeto, mas que ser dado vários sentidos: uma cadeira de couro, de madeira, etc. Assim, para Saussure (2012), é apenas uma parte da linguagem, pois é resultado de um conjunto de convenções necessários e adotados por uma determinada sociedade que permite o uso de uma língua.

Nesse sentido, Saussure (2012, p. 45) afirma que “[...] o estudo da linguagem se constitui de duas partes: o primeiro objeto é a língua que é essencialmente construída no coletivo; a outra tem por objeto a parte individual da linguagem, que é chamada de fala”. Esses dois objetos constituem-se na dicotomia língua/fala. A fala precisa da língua para produzir os efeitos, enquanto a fala precisa da língua para estabelecer a comunicação. Ainda, segundo Saussure, a fala é denominada de *parole* que acontece individualmente e não corresponde aquilo necessariamente ao uso como sistema estabelecido convencionalmente. Enquanto a língua é chamada de *langue*, pois é resultante da prática da fala pelos os indivíduos de uma mesma comunidade, pois é por meio dessa última que a língua, enquanto sistema de convenções se estabelece.

A língua e a fala se relacionam mutuamente, pois para que a fala aconteça o usuário deve se submeter às convenções das línguas que foram estabelecidas pelo coletivo. Dessa forma, as convencionais de uso surgem tanto na fala como também na escrita. Assim, o uso das convenções, são necessárias quando falamos ou escrevemos.

Ainda nessa perspectiva, Saussure (2012) destaca que a linguagem faz parte de uma faculdade que é internalizada em nós, dada pela natureza; já a língua é algo adquirido e convencional. Nesse sentido, a concepção defendida pelo autor é de que não é a linguagem que é natural no homem, mas a faculdade de construir uma língua. Desse modo, a linguagem é constituída da língua e da fala e de outras manifestações constitutivas no processo de comunicação.

O Estruturalismo é concepção fundada por Saussure que estuda a língua a partir da estrutura constituída de um sistema no qual o indivíduo pouco pode interferir.

Nessa mesma visão, na década de 60 surge a teoria de Noam Chomsky, denominada de Gerativismo que define a linguagem como uma capacidade inata do indivíduo, ainda é uma perspectiva estruturalista, pois o indivíduo utiliza-se de um sistema linguístico, constituído de uma estrutura limitada, no entanto ele é capaz de fazer combinações quase ilimitadas. É uma teoria que auxilia no entendimento de alguns fenômenos linguísticos muito frequentes em algumas variedades da língua, principalmente no léxico. Pode-se citar como exemplo, uma criança, falante da língua portuguesa que use a estrutura “fazi” em vez de fiz, isto é justificado pelo padrão verbal comum da língua. Isso traz à tona o respeito pelas variações tão comuns às línguas vivas.

Outra concepção do estudo da língua foi apresentada por Bakhtin (1997 *apud* WEED, 2002), que entende o uso da língua a partir das relações sociais, portanto em uma perspectiva sociolinguística, ou seja, o grupo social, a ideologia interfere diretamente no uso da língua. Nesse sentido, a crítica em relação ao Estruturalismo e o Gerativismo são justificáveis porque essas duas concepções de língua e linguagem, chamadas de tendências universal e particular, não são suficientes para entender os fenômenos linguísticos completamente. A primeira é considerada como “subjetivismo idealista”, sendo a língua uma atividade mental, na qual o psiquismo é a sua fonte. Desse modo, essa concepção nega a ideologia e o aspecto social, pois não envolve a influência da atividade social na interação. A segunda é chamada de “objetivismo abstrato”, consideradas como um sistema de regras sujeitas a descrição.

Nesse sentido, Bakhtin faz uma crítica mais incisiva ao modelo estruturalista de Saussure (2012), afirmando que essa teoria se concentra numa construção abstrata, homogênea, impossível, estável, imutável, sistema fechado, sem valores ideológicos, no qual a história é desconsiderada. Ele discorda de Saussure sobre a fala ser uma manifestação individual, mas considera de natureza social, pois está ligada aos processos de comunicação. Sobre a língua Bakhtin (1997 *apud* WEED 2002, p. 151) destaca: “[...] opõe a urgência de se considerar a língua como uma atividade social, em que o importante não é o enunciado, o produto, mas sim a enunciação, o processo verbal”. Assim, é pelo processo de interação que a língua se

manifesta para atender as necessidades de comunicação, por isso não é o uso da língua em si, mas a atividade social.

Embora haja uma crítica ao Estruturalismo, é indiscutível a importância para outros estudos na área da língua. Essas concepções fazem com que possamos conhecer o funcionamento da nossa língua e assim percebemos que o estudo da língua não se resume a uma visão normativa. Talvez essas concepções da Linguística possam mudar a visão das pessoas que veem na língua um sistema de regras muito difíceis de serem seguidas.

1.1 NOÇÃO DE LINGUAGEM

Dentre as várias teorias sobre linguagem, temos esta definição que afirma: (CINTRA; CUNHA, 1985, p. 1):

A linguagem é um conjunto de processos, produto de uma atividade psíquica totalmente determinada pela vida social que torna possível a aquisição e o emprego de uma língua qualquer. A linguagem também designa todo o sistema de sinais que servem de meio de comunicação entre os indivíduos. A linguagem então é qualquer processo de comunicação que não está associado somente ao uso da língua pela fala e escrita, mas todos os tipos de linguagem que permitem a comunicação.

Essa definição contrapõe-se àquela dada por Saussure, pois para ele a linguagem é mais restrita, pois é a faculdade que permite a comunicação através do uso da língua, ele não faz referência de forma tão incisiva que influenciam na comunicação.

Outra definição de linguagem é dada por Bloomfield (1933 *apud* KENEDY, 2009), para ele a linguagem humana é interpretada como um condicionamento, uma resposta do organismo humano produzido pelos estímulos ao serem repetidos constantemente, isso habitua o falante, caracterizando assim seu comportamento linguístico. Essa concepção está voltada para uma possível explicação imanente, pois destaca como acontece a aquisição da linguagem, o que aproxima da concepção definida pelo Gerativismo.

Quando alguém utiliza uma palavra desconhecida para uma criança acontece a estimulação, permitindo a produção de uma resposta, por isso a criança irá repetir e dessa forma adquire a linguagem pela interação social.

Ainda segundo Kenedy (2009, p. 128), Chomsky apresenta uma crítica a esse modelo, considerado pelos behavioristas em resenha de 1959 sobre a obra “Comportamento verbal” de Skinner. Chomsky (1995), afirma que o indivíduo age quase sempre criativamente quando usa a linguagem, ou seja, constrói frases novas a todo momento, ainda não ditas. Desse modo, não é o comportamento que influencia a linguagem, mas também a competência do falante. Chomsky (1995 *apud* KENEDY, 2009, p. 128), ainda reforça que: “criatividade é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano”. Nesse caso, o pensamento behaviorista de que o comportamento linguístico de um indivíduo deve ser visto como uma resposta previsível deve ser abandonado.

Outra visão sobre a linguagem é defendida por Bloomfield (1933), pois para ele a linguagem é adquirida no contato com o social, diferenciando-se da concepção de Chomsky (1995) que concebe a linguagem como uma capacidade inata, pois todo usuário de uma língua pode criar frases novas, sem necessidade de um modelo preestabelecido.

1.2 NOÇÃO DE LÍNGUA

Para Cunha e Cintra (1985, p. 1),

[...] a língua é um sistema gramatical que pertence aos indivíduos, expressão da coletividade, e do modo como concebemos e agimos sobre o mundo. A língua é a utilização da faculdade da linguagem, que não é imutável, mas está em constante evolução.

Contra-pondo-se a esse conceito de Cunha e Cintra, Saussure (2012) define a língua como um sistema de signos, ou seja, um conjunto de elementos que formam um todo. Para explicar esse sistema, ele definiu o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces: significante (imagem acústica) e o significado (conceito). O significante é a imagem que vem a nossa mente quando alguém fala

sobre determinada coisa; já o significado é o nome que foi convencionado entre os falantes que define a imagem pensada.

Por outro lado, Cunha e Cintra (1985) conceituaram a língua como uma gramática que pertence ao indivíduo, ou seja, já nascemos com o sistema gramatical interno que é expresso coletivamente. Essa concepção se assemelha à de Saussure que define a língua como uma expressão do coletivo e as convenções que são adquiridas em conjunto.

A teoria do Gerativismo, diferentemente do Estruturalismo que define a língua como um sistema constituído de signos; já para o Gerativismo a língua é um conjunto de sentenças finitas. A partir dessa concepção de língua, é possível estabelecer que a partir de um número limitado de regras, construir um número quase infinito de sentenças. É uma teoria que parte do abstrato para o concreto, isto é, o uso efetivo da língua. Chomsky (1995) salienta que essa teoria não tem a finalidade de definir regras, mas apenas definir quais sentenças pertencem uma língua. Nesse sentido, Orlandi (1986 *apud* CHOMSKY, 2009) destaca que não importa a descrição detalhada de uma frase já produzida porque isso não contempla a produtividade e a criatividade, características indispensáveis, mas deve se procurar compreender a natureza do sistema que o falante possui para produzir essas sentenças. Ainda nessa perspectiva, o linguista salienta que todo falante/ouvinte tem a capacidade de produzir/compreender todas as frases da língua, isto é, a competência. Esse falante é competente para identificar estruturas sintáticas, separar que frases fazem parte ou não da língua. Tendo em vista isso, não interessa a performance do falante específico em situações concretas, mas a capacidade que todo falante/ouvinte ideal possuem.

A partir dessa visão, CHOMSKY (2009), define a língua como um conjunto de frases, o que explica sua natureza criativa e dinâmica. O teórico afirma que a língua não se define só pelas frases existentes, mas também pelas frases a serem criadas, mesmo aquelas que ainda não foram ouvidas. Por isso, a capacidade de compreender e de falar uma língua deve ser entendida como resposta de um dispositivo inato, internalizada no ser humano.

Outra forma de estudar a língua é considerar a perspectiva da gramática tradicional, pois nela a língua deve ser usada de acordo com as regras gramaticais que são impostas. Diferentemente dos postulados linguísticos gerativistas, o falante pode produzir qualquer enunciado, pois ele tem a capacidade criativa. Já o estudo

normativo, considera apenas a possibilidade de gerar frases novas, a partir das regras já existentes.

De acordo com Orlandi (2006, p. 48):

Os recortes e exclusões feitos por Saussure e Chomsky deixam de lado a situação real do uso para ficar com o que é virtual e abstrato. Ou seja, não houve interesse pela parte concreta, o uso em si, que seria mais interessante e estaria mais próximo da realidade dos usuários da língua, mas concentraram-se somente na estrutura, o abstrato. Porém, se esses linguísticos não tivessem dado o passo inicial [no estudo da linguagem] não teríamos acesso hoje a essas [teorias] e outras teorias que surgiram a partir deles.

A língua assim como a sociedade é viva e passa por constantes transformações. Nesse contexto, quando a língua é refletida apenas a partir de sua estrutura e não como uma ferramenta de interação ou como prática social tende-se a considerá-la somente pelo viés do padrão normativo o que não considera seu uso real e concreto.

A análise da língua no seu uso real é definida por Marcuschi (2010, p. 16-17), para ele:

[...] não interessa se a faculdade da linguagem é um fenômeno inato, como Chomsky dizia. O que importa é o que fazemos com esta capacidade, portanto, quer analisar os usos e as práticas sociais, representando uma nova concepção de língua e de texto, pois “são as formas que se adequam aos usos e não o inverso”.

Vale ressaltar que o uso da língua é feito através de duas modalidades, a fala e a escrita. Tais modos de enunciação da língua não se constituem como uma dualidade, mas como maneiras específicas e distintas de representação de uma única língua. Para Marcuschi (2010, p. 17):

[...] estabelecer as relações entre as duas é impossível a partir do código, mas é viável encontrar as semelhanças e diferenças por meio do uso. Afirma que a justificativa que aprendemos a falar antes de escrever não é motivo para a fala ser mais importantes que a escrita, e muito menos de que a fala é a derivação da outra.

As variantes da língua portuguesa não se configuram como formas divergentes e nem se pode estabelecer uma hierarquia entre elas, visto que, a língua como fenômeno social é utilizada nos mais diversos contextos e se adequa aos diferentes papéis sociais que o homem desempenha como agente social.

Sobre a aquisição da fala e da escrita, ele afirma o seguinte:

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contexto informais do dia a dia e nas relações sociais e dialógicas que instauram desde o momento em que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. [...]. Por outro lado, a escrita(enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional é adquirida em contextos formais: na escola. Daí também seu caráter mais prestigioso como bem cultural desejável (MARCUSCHI, 2010, p.18).

A fala é adquirida quando começamos a ter contato com as pessoas, quando ainda criança vemos o outro falar, acabamos aprendendo. Já a escrita é adquirida na escola, na disciplina de língua portuguesa, de tal modo que ela recebe maior privilégio, pois é tida como promotora de ascensão social.

Com relação ao valor, Marcuschi (2010, p. 17), afirma que “a língua tem, pois uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita não [...]” é mais importante do que a fala nem o inverso, pois cada uma dessas modalidades cumprem seu papel em cada situação discursiva específica, mas o que aconteceu pela força da tradição, expõe os usos da escrita na sociedade, tornam-se superior à fala.

A oposição entre essas duas modalidades da língua deve ser evitado, pois estigmatiza a fala, colocando-a no nível inferior à escrita. Ainda segundo Mascuschi (2010, p. 28):

A perspectiva da dicotomia escrita é inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Essa visão distorcida se manifesta até hoje na sociedade, embora venha tentando ser combatida pelos linguistas modernos.

Nessa perspectiva, Bagno (1999, p. 68), apresenta uma visão que direciona o ensino a partir do que o aluno já conhece da língua, pois “existe uma tendência muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português”. A língua falada é um instrumento básico de sobrevivência, enquanto a escrita é artificial, exige memorização e não é a representação da fala, porque não escrevemos como falamos. Em suma, a oralidade sempre existirá junto à escrita, pois é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhum outro meio de expressão. Será sempre fator que define nossa identidade, por outro lado a escrita por ser percebida do ponto de vista da norma padrão não deveria excluir, pois não representa a identidade individual.

A escrita, de certo modo, não representa quem somos social e culturalmente, pois ao usar uma norma padrão para escrever um texto, não é possível identificar qual sotaque, dialeto, a variante linguística de quem escreve; já ao falar, deixará muito claro a autenticidade do indivíduo.

Ainda nesse sentido, Mascuschi (2010, p. 43), destaca “[...] que as diferenças entre as duas modalidades da língua podem ser percebida no uso e não no sistema delas”. Para se entender a relação entre fala e escrita, o autor defende o uso do código, ressaltando que:

[...] partindo da noção de língua e funcionamento da língua tal como concebidos aqui, surge, como hipótese forte, a suposição de que as diferenças entre fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva de uso e não do sistema. E neste caso, a determinação da relação fala-escrita torna-se mais congruente levando-se em consideração não só o código, mas os usos do código.

Reforçando essa ideia, Bagno (2001, p. 24), acrescenta que:

[...] uma das principais inovações introduzidas pela linguística foi dar à língua falada a importância que sempre fora esquecida durante todo o tempo, [tomando como referência o ensino da Gramática Tradicional], pois a língua falada é a verdadeira língua natural, a língua que cada pessoa aprende em convívio em sociedade.

Assim, esse conceito de Bagno descreve a língua como ela é, não questiona e nem faz propostas de como deveria ser, pelo contrário, a concebe livre de preconceitos sociais, reconhecendo o valor que todo uso da língua possui. Dessa forma, essa ciência se torna essencial para o ensino de língua portuguesa, pois dá aparato teórico ao professor e facilita o seu trabalho. Assim o falante de língua portuguesa ao utilizar essas variações, passa a ver a língua de modo diferente e passa a ter consciência de que não existe nenhuma língua melhor ou pior do que outra, fazendo com que o preconceito seja amenizado.

Desse modo, o uso da língua não se constitui apenas de regras da gramática que muitas vezes está distante das teorias linguísticas. A linguística defende que a língua é um sistema de signos e regras, mas são regras internas ao falante, diferentemente das regras gramaticais. Assim, os usuários da língua dominam sua gramática interna.

Segundo Franchi (2006, p. 29), ensinar a norma culta na escola também é necessário, pois como expõe “o objetivo da escola é levar a criança a dominar a modalidade culta de sua língua, e principalmente, oferecer condições para que elas tenham acesso às diferentes formas linguísticas”, ou seja, ensinar os alunos as maneiras de comunicação, fazendo uso da escrita, da oralidade, da língua formal ,informal de acordo com a situação comunicativa, se adequando a cada contexto do uso, sempre respeitando a diversidade linguística dos alunos, sem querer desprezar a gramática, porque esta também é necessária nas situações mais formais.

Nascemos com a capacidade para usar a nossa língua e desenvolvê-la para nos comunicarmos. A língua é vista pelo viés da gramática como um sistema de regras rígidas, por consequência do estabelecimento de um padrão linguístico que prescreve como se deve escrever e falar bem, levando as pessoas a acreditarem que existe apenas uma língua digna de ser considerada a verdadeira, a língua culta, excluindo assim, as outras variedades linguísticas.

Nessa perspectiva a língua deve deixar de ser vista como algo que ainda cremos adquirir e deve passar a ser reconhecida como uma habilidade que faz parte de todos os seres humanos, pois nascemos com a capacidade para desenvolvê-la e usá-la como quiser, quem escolhe como usar a língua, mas deve ficar consciente que será quase sempre julgado pelas pessoas, pois desfazer essa visão preconceituosa nas pessoas não é tarefa fácil.

Passamos a fazer breves considerações sobre o surgimento da gramática que persiste até hoje na escola, como se estabeleceu esse padrão para a língua que, de certo modo, exclui as outras variedades, causando, muitas vezes, o preconceito linguístico entre seus falantes o que leva a pensarmos que a língua é um sistema de regras rígidas.

Assim, em uma mesma comunidade, as pessoas de origem geográfica, de idade e de sexo diferente, falam distintamente. Esses falantes adquirem as variedades linguísticas próprias da sua região, de sua classe social etc. Podemos definir de modo geral as variedades a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (diatópica) e a variação social (diastrática). A primeira está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Isso se torna perceptível no português falado aqui no Brasil que difere bastante do português falado em Portugal. Como também nos dialetos que se tornam distintos de acordo com cada região brasileira. A segunda está relacionada a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade do falante e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

Vale ressaltar a ideia de Alkmin (2001), quando afirma que as variações linguísticas estão relacionadas ao contexto e nesse caso são dominadas de variações estilísticas ou registros. Os falantes diversificam suas falas, usam estilos ou registros distintos que decorrem em função das circunstâncias, das interações verbais. Nesse sentido, o autor aborda que os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, essa adequação decorre da seleção individual do saber linguístico, por isso, o autor enfatiza

Não podemos deixar de apontar, no entanto, que, na realidade das relações sociais, os fatores de variação encontram-se imbricados. No ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. (ALKMIM, 2001, p. 38).

Varição e sociedade estão relacionadas em todos os fatores, principalmente na linguagem, o falante de uma determinada região sempre terá registrado em sua individualidade a sua forma de falar. Assim, em qualquer comunidade, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades, isso se dá no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade.

O que podemos perceber na realidade objetiva social, é que nessas variedades linguísticas há sempre uma ordenação valorativa que reflete certa hierarquia dos grupos sociais; existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores. Desse modo, Alkmim (2001), define dois tipos de variedades: de prestígios e não prestigiadas. Destaca ainda, que a variedade padrão é a mais valorizada, de mais prestígio dentro de uma comunidade, assim:

A variedade padrão de uma comunidade – também chamada norma culta, ou língua culta- não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. O que chamamos de variedade padrão é o resultado de uma atitude social entre a língua, que se traduz, de um lado, pela seleção de um dos modos de falar entre os vários existentes na comunidade e, de outro, pelo estabelecimento de um conjunto de normas que definem o “modo correto” de falar (ALKMIM, 2001, p. 40).

O que percebemos na sociedade atual é a predominância da variedade padrão entre aqueles que utilizam as regras do bom uso correspondente aos falares linguísticos dos grupos socialmente dominantes. De fato, a variedade padrão coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, isso vem desde a estabilização da língua portuguesa no Brasil. Fishman (1970 *apud* ALKMIM, 2001), define o estabelecimento da variedade padrão como um tratamento social característico da língua, que se verifica quando há diversidade social suficiente. A padronização é sempre historicamente definida, pois cada época determina o que considera como forma padrão, pronúncia, construção sintática e composição lexical. Nesse sentido, Alkmim (2001, p. 42) destaca:

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem efeito particularmente negativo. A sociedade reage de maneira particularmente consensual quando se trata de questões linguísticas: ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio da situação de fala.

A nossa sociedade vive diante da chamada intolerância linguística, que é um dos comportamentos linguísticos mais perceptíveis na mídia e nas relações sociais do cotidiano. Assim a rejeição a certas variedades linguísticas são compartilhadas sem maiores conflitos pelo não especialista em linguagem. As variedades estão sempre em circulação na sociedade. Os grupos sociais dão continuidade à herança linguística recebida. Desse modo, a homogeneidade linguística é um mito que precisa ser erradicado, por trazer consequências graves na vida social como exclusão, por exemplo.

Camacho (2001) aborda a concepção de que uma propriedade comum identifica todos os casos mencionados de variação e que podemos representar duas ou mais formas alternativas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto. E que o termo variável representa o esforço da Sociolinguística por generalizações abstratas. São classes de variantes que constituem duas ou mais formas concretas de uso. Levando em conta os fatores extralinguísticos, a língua comporta variantes em função da identidade social do receptor e em função das condições sociais de produção discursiva.

A variação adquire valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais. Camacho (2001), ainda mostra de como o exemplo a marca plural no sintagma nominal, considerando sua presença como variedade de prestígio social (padrão) e sua ausência como variedade estigmatizada (não padrão). Os valores adquiridos das variedades de prestígio estão ligados à elevação da condição de língua como padrão que passa a ser utilizado no ambiente escolar, nos meios de comunicação, na linguagem oficial do Estado etc. Por isso, para o autor:

A diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica. Um mesmo indivíduo pode alternar entre diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo-se o contexto social propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor, etc. (CAMACHO, 2001 p. 60).

A esse processo de adequação linguística, ele chamou de variação linguística ou de registro que é o resultado da adequação da expressão às finalidades do

processo de interação verbal, o falante seleciona formas para compor seu enunciado.

É nesse mesmo sentido que Tarallo (2005) define variações como variantes linguísticas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade, denominando assim um conjunto de variantes de “variável linguística”. Nessa perspectiva, a norma padrão *versus* não padrão pode nos levar a compreensão de que o estudo sobre variações deve levar em consideração todos esses fatores. Ainda segundo o autor, a variante é considerada padrão e ao mesmo tempo conservadora e é também aquela que usufrui do prestígio sociolinguístico na comunidade. Já as variantes não padrão são, de certo modo, inovadoras e paradoxalmente estigmatizadas pelos membros da comunidade. Vale ressaltar, no entanto, que nessas variantes são produzidas obras de grande valor literário, que o caso da vasta obra do poeta Patativa do Assaré, da qual trataremos no próximo capítulo.

2 PATATIVA DO ASSARÉ: O POETA DA ROÇA

Antonio Gonçalves da Silva¹ nasceu no dia 05 de março de 1909, no Sítio Serra de Santana, no município de Assaré, na região do Cariri cearense. Foi o segundo dos cinco filhos do casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Com seis anos, perdeu a visão do olho direito em consequência do sarampo. Ficou órfão de pai aos oito anos, teve que trabalhar no cultivo da terra ao lado do irmão mais velho para sustentar a família. Com doze anos frequentou uma escola em Assaré, durante quatro meses, onde aprendeu um pouco de leitura e se tornou apaixonado pela poesia. Com treze anos começou a compor versos, com dezesseis comprou uma viola e logo começou a fazer repentes a partir de motes que lhe eram apresentados.

Descoberto pelo jornalista cearense José Carvalho de Brito, Patativa publicou seus textos no jornal Correio do Ceará. O apelido Patativa surgiu porque as suas poesias eram comparadas com a beleza do canto dessa ave, nativa da Chapada do Araripe. Com vinte anos Patativa começou a viajar por várias cidades do nordeste, além de se apresentar diversas vezes na Rádio Araripe. Viajou para o Pará em companhia dos cantadores locais. Nessa época incorpora o “Assaré” ao nome. Foi casado com D. Betinha, com que teve nove filhos. Entre 1930 e 1955 compõe a maior parte de sua poesia. Nessa época passa a declamar os seus versos na Rádio Araripe quando é ouvido pelo filósofo José Arrais, que o ajuda na publicação do primeiro livro: *Inspiração nordestina* (1956) com os principais poemas. Mesmo numa variação linguística típica da região nordeste, na qual há muitas palavras consideradas “incorretas”, a poesia de Patativa do Assaré alcançou projeção nacional, depois da gravação da música “triste partida”, pelo cantor Luiz Gonzaga.

A poesia de Patativa traz uma visão crítica da dura realidade social do povo sertanejo, o que lhe valeu o título de “poeta social”. Um exemplo que ilustra essa característica da poesia de Patativa é o poema: Brasi de cima e Brasi de baxo”:

Meu compadre Zé Fulô
Meu amigo e companheiro,
Faz quage um ano que eu tou

¹ Disponível em: <https://www.ebiografia.com/patativa_assare/>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Neste Rio de Janeiro;
 Eu saí do Cariri
 Maginando que isto aqui
 Era uma terra de sorte,
 Mas fique sabendo tu
 Que a miséria aqui no su
 É esta merma do Norte.

Tudo que procuro acho
 Eu pude vê neste crima
 Que tem o Brasi de cima.
 Brasi de baxo, coitado!
 É um pobre abandonado,
 O de cima tem cartaz,
 Um do outro é bem diferente;
 Brasi de cima é pra frente
 Brasi de baxo é pra trás (ASSARÉ, 2007, p. 178).

Mesmo vivendo longe dos grandes centros, Patativa estava sempre atento aos fatos políticos do país. A política foi tema constante na sua obra, mesmo vivendo durante o regime militar, não deixou de criticar os militares e por esse motivo foi perseguido. Participou ativamente da campanha das Diretas Já. Em 1984, publicou vários poemas em panfletos e também em jornais e revistas. Além disso, suas poesias foram reunidas em diversos livros, dentre eles: *Cantos de Patativa* (1966), *Canta lá que eu canto cá* (1978), *Aqui tem coisa* (1979).

Em 1981 lançou o LP *A terra é natureza*. Ao completar oitenta anos foi homenageado com o LP *Patativa do Assaré - 85 de poesia* (1994), com a participação de das duplas de repentistas Ivanildo Vila Nova Geraldo Amâncio, Otacílio Batista e Oliveira de Panelas. Os seus livros foram traduzidos para diversos idiomas, já os seus poemas tornaram-se tema de estudos na Universidade de Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universidade, sob a regência do professor Raymond Cantel.

O poeta perdeu a audição e a visão na década de 90. Faleceu em 08 de julho de 2002, em sua casa em Assaré, em consequência de falência múltiplas dos órgãos. Foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética retratou a vida sofrida do povo sertanejo, que vive em uma região árida. Para demonstrar a atividade do poeta em defesa dos direitos daqueles mais necessitados apresentamos a seguir um depoimento em defesa da reforma agrária.

Eu sou um caboclo roceiro que com poeta, canto sempre a vida do povo. O meu problema é cantar a vida do povo, o sofrimento do meu nordeste, principalmente daqueles que não têm terra, porque o ano presente, esse ano que está se findando, não foi uma seca, podemos dizer que não foi a seca. Lá pelo interior, mesmo no município de Assaré, lá no Assaré tem duas frentes de serviço, nós podemos observar que é só dos desgraçados que não possuem terra não sofrem essas consequências e não precisam recorrer ao trabalho de emergência como os agregados e esses outros desgraçados trabalham na terra dos patrões. E é isso que eu mais sinto: é ver um homem que tanto trabalha, pai de família e não possui um palmo de terra. É por isso que é preciso que haja um meio de reforma agrária chegar, uma reforma agrária que chegue para o povo que não tem terra (ASSARÉ, 2012, p. 17).

Quanto a Reforma Agrária, Assaré (2012, p. 18) declama:

Pobre agregado, força de gigante,
Escuta, amigo o que te digo agora.
Depois da treva vem a linda
Aurora e a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo a todo instante.
Minha alma triste dessolada chora
Quando te vejo mundo afora
Vagando incerto qual judeu errante.
Para saíres da fatal fadiga
Do horrível jugo que cruel
Te obriga
A padecer situação precária.
Lutai altivo corajoso e esperto
Pois só verás o teu país liberto
Se conseguíres a reforma agrária.

Assaré (1979) manifesta através de seus poemas uma preocupação com o homem do campo, pois para ele, o autêntico sindicato dos trabalhadores rurais, deve reivindicar os direitos dos camponeses, evitando um sofrimento maior dessa classe. No entanto, é preciso que todos estejam sempre unidos.

3 ANÁLISE DOS POEMAS: O POETA DA ROÇA E O BRASI DE CIMA E BRASI DE BAXO

A obra de Patativa do Assaré é essencialmente oral, no entanto muitos poemas foram registrados na modalidade escrita. Na obra *Patativa do Assaré Antologia poética*, organizada e prefaciada por Gilmar de Carvalho, que apresenta uma coletânea de 54 poemas que tratam dos mais variados temas. Observa-se na poesia de Patativa o uso de norma culta da língua, as vezes na mesma estrofe, ao lado da variedade comum à oralidade.

Apresentaremos uma breve comparação entre o poema *O poeta da roça* e o poema *Brasi de cima e o Brasi de baixo*, nos quais se evidenciam as marcas da oralidade na obra do poeta cearense. É relevante destacar estas marcas que estão presentes em poemas que se diferenciam sobre o tema tratado. No primeiro poema o temática é o homem da campo, da roça, portanto um homem castigado pelas intempéries do clima. Assim, essas marcas demonstram o modo de falar desse homem, muito próximas do uso que ela faz da língua. No entanto é possível perceber também essas marcas em um poema cuja temática não é o homem do campo.

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio.
A minha chupana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço paper
De argum menestré, ou errante cantô
Que véve vagando, com sua viola,
Cantando pachola, à procura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Dá lida pesada, das roça e dos eito.

E às vez, recordando a feliz mocidade,
 Canto uma sodade que mora em meu peito.
 Eu canto o caboco com suas caçada,
 Nas noite assombrada que tudo apavora,
 Por dentro da mata, com tanta corage
 Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido do côro
 Brigando com o tôro no mato fechado,
 Que pega na ponta do brabo navio
 Ganhando lugio do dono do gado.
 Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
 coberto de trapo e mochila na mão,
 que chora pedindo o socorro dos home,
 e tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
 Eu vivo contente e feliz com a sorte,
 Morando no campo, sem vê a cidade
 Cantando as verdade das coisas do norte (ASSARÉ, 2007, p.
 21).

Formado de nove estrofes, cada uma com quatro versos, o eu lírico traz apresenta características que são comuns às pessoas que vivem em uma região onde há tantas dificuldades materiais e de acesso à educação. A voz do eu poético assume um lugar de enunciação que é o campo e transmite isso em uma linguagem popular, coloquial a realidade da roça. Há no poema o emprego de uma variante linguística, própria de certa região: o Nordeste, ainda que no final ele afirme: “cantando a verdade das coisa do Norte”, talvez haja uma referência ao modo como as pessoas mais simples dividem o Brasil em duas regiões: Sul e Norte.

Passaremos a uma breve análise de alguns fenômenos linguísticos que aparecem no poema, para isso serão analisadas em bloco de duas estrofes.

Sou fio dos matos, cantô da mão grossa
 Trabaio na roça de inverno e de estio.
 A minha chupana é tapada de barro,
 Só fumo cigarro de paia de mio.
 Sou poeta das brenha, não faço o paper
 Se argum menestré, ou errante cantô
 Véve vagando, com sua viola
 Cantando, pachola, a percura de amô.

O eu lírico apresenta a sua origem, sua profissão e o seu cotidiano através de uma linguagem marcada por traços da oralidade empregada pelo homem do campo. O eu poético canta com propriedade a vida humilde das matas fechadas, que não imita o cantor que viaja levando a música, a poesia em busca da pessoa amada; canta a simplicidade, demonstra não ser vaidoso.

Não tenho sabença, pois nunca estudei
Apenas eu sei o meu nome assiná
Meu pai coitadinho? Vivia sem cobre
E o fio do pobre não pode estuda.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra e do sertão.

O eu lírico expõe a pobreza do homem do campo que sem dinheiro não consegue dar ao filho uma educação formal. A voz lírica reitera sua posição na sociedade enquanto homem e ao mesmo tempo enquanto poeta, eleva-se a pouca altura, sua poesia é sobre as coisas simples, revelando a realidade do povo e é destinada para o homem simples.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o caboco com suas caçada
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaqueiro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio
Ganhando lugio do dono do gado.

Nessas estrofes o eu poético retrata o material de sua poesia, canta a lida do sertanejo, o saudosismo da juventude é vivificada pelo eu lírico de forma lamentosa; o folclore é retificado em um personagem que aparece na mata em noite escura e assombrosa, de modo a cercear o imaginário do sertanejo valente.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
 Coberto de trapo e mochila na mão,
 Que chora pedindo o socorro dos home,
 E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
 Eu vivo contente e feliz com a sorte,
 Morando no campo, sem vê a cidade,
 Cantando as verdade das coisas do norte.

A voz poética sai do campo vai estender a sua solidariedade ao homem da cidade que sofre, aqui o eu lírico se envolve com as questões sociais, com sentimentos comuns que caracterizam com a história de muitas pessoas.

Pedir socorro dos homens refere-se possivelmente às autoridades governamentais que são responsáveis pela sobrevivência e condições dos cidadãos. Nesse sentido, o eu lírico se apresenta como um caboclo sem instruções e sem condições financeiras, mas feliz pela vida que tem e pelas coisas que canta, a realidade de sua terra.

As variações linguísticas, no que se refere particularmente ao léxico, estão presentes no poema, podemos citar como exemplos, a supressão de alguns fonemas em palavras que são representados na escrita, em uma tentativa de aproximação da fala, identificando assim o falante como pertencente ao ambiente rural, em virtude de uma forma peculiar de uso de uma variação linguístico que se reflete nos aspectos fonético-fonológicos e lexicais. Podemos observar, alguns fenômenos de variação como a despalatização, isto é, a supressão do lh pela vogal i; a supressão do r do infinitivo; rotacismo, isto é, a troca do l por r argum (algum). Esses fenômenos são ilustrados a partir desses exemplos: Despalatização: filho-fio, trabalho-trabaio, palha-paia, milho-mio, palhoça-paioça, novilho-novio; Apócope: cantor-cantô, amor-amô, estudar-estudá; Rotacismo: papel-paper, algum-argum; Desnalização: homem-home, visagem-visage, coragem-corage.

No segundo poema, com o olhar direcionado para uma divisão de classes, o poeta retrata as diferenças entre dois grupos sociais e descreve uma Brasil de cima, que é rico, e um Brasil de baixo, marginalizado e pobre. Nessa denúncia social, o eu lírico aborda alguns aspectos que caracterizam a vida urbana, contrapondo-se à vida do campo.

A estrutura linguística se apresenta na norma não padrão, mesmo assim é possível perceber algumas marcas da norma culta no poema:

Brasi de cima e Brasi de baxo

Meu compare Zé Fulô,,
 Meu amigo e companhêro,
 Faz quage um ano que eu tou
 Neste Rio de Janêro;
 Eu saí do Cariri
 Maginando que isto aqui
 Era uam terra de sorte,
 Mas fique sabendo tu
 Que miséria aqui no Su
 É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
 Eu pude vê neste crima,
 Que tem o Brasi de baxo
 E tem o Brasi de Cima.
 Brasi de Baxo, coitado!
 É um pobre abandonado;
 O de Cima tem cartaz,
 Um ôtro é bem diferente:
 Brasi de Cima é pra frente,
 Brasi de Baxo é pra trás.

Nota-se que o poema Brasi de cima e Brasi de baxo, faz uma dura crítica a realidade brasileira, pelas diversas situações as quais passam o povo que vivem uma vida de abandono e desigualdade social, porém, como se observa nas estrofes acima que dão início ao poema, esse fator de miséria, desigualdade, abandono não se dá apenas na região Nordeste, mas, em todos os lugares do Brasil, e isso fica evidente na conversa de um nortista e seu compadre Zé Fulô, onde o mesmo narra que está quase um ano no Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor, mas, o que ele viu, foi o mesmo desprezo social e pobreza para com as pessoas que vivem na sociedade em situações de calamidade, ou seja, o desinteresse dos políticos pelo povo é o mesmo, tanto no Sul como no Norte, e que um Brasi caminha para frente enquanto o outro só caminha para atrás, devido ao pouco descaso que o governo faz do povo brasileiro.

Nas estrofes a seguir, a diferença entre esses Brasis é destacada pelo poeta, numa linguagem simples e popular, chama a atenção para dura realidade que demonstra a atual situação do Brasil.

Aqui no Brasil de Cima,
 Não há dô nem indigência,
 Reina o mais soave crima
 De riqueza e de opulência;
 Só se fala de progresso,
 Riqueza e novo processo
 De grandeza e produção.
 Porém, no Brasi de Baxo
 Sofre a feme e sofre o macho
 A mais dura privação.

Brasi de Cima festeja
 Com orquestra e com banquete,
 De uísque dréa e cerveja
 Não tem quem conte os rodete.
 Brassi de Baxo, coitado!
 Vê das casa despejado
 Home , menino e muié
 Sem acha onde mora
 Proque não pode pagá
 O dinheiro de alugué.

O eu-lírico deixa claro, que há dois Brasis: " Brasi de cima, ' onde as pessoas que fazem parte deste, vivem em situações de pleno conforto, riquezas e avanço e com isso vêm as festas, eventos e a gastança de dinheiro, a abundância de comidas e bebidas tudo do bom e do melhor. Enquanto que no "Brasi de Baxo" é o contrário, pessoas vivem em plena miséria, são abandonadas e marginalizadas por aqueles que detém o poder nas mãos, que poderiam dar melhores condições de vida, como o de um emprego digno, para que as mesmas saiam da extrema pobreza e possam pelo menos ter a dignidade de colocar o pão de cada dia na mesa e de uma moradia, pois muitos chegam até a morar nas ruas.

O discurso visto no poema é de um enunciador que deseja que a sua voz seja ouvida, vista e compreendida pelo interlocutor, para que através dele possa haver uma transformação na realidade das pessoas, que elas lutem por seus direitos e haja igualdade para todo. E assim o poeta vai em todo o decorrer do poema fazendo comparações ente um Brasi de riqueza e outro de pobreza.

No Brasi de Cima anda
 As trombeta em arto som
 lspaiando as propaganda
 De tudo aquilo que é bom.
 No brasi de Baxo a fome

Sem ninguém lhe defendê;
 O desgraçado operaro
 Ganha um pequeno salaro
 Que não dá pra vivê.

Inquanto o Brasi de Cima
 Fala de transformação,
 Industra, matéria-prima,
 Descobertas e invenção,
 No Brasi de Baxo isiste
 O drama penoso e triste
 Da negra necessidade;
 É uma cousa sem jeito
 Eo povo não tem dereito
 Nem de dizê a verdade

No Brasi de Cima, as propagandas deixam bem claro o padrão de vida de quem vivem nesse Brasi, tudo que é bom é anunciado em altos falantes e carros de som, para melhor absolvição do produto dos que tem uma boa renda comprar, a palavra necessidades não existe no dicionário desses, esbanjam fartura e um alto nível de vida, enquanto que no de baxo muitos passam fome, o mísero salario mal dar para comer e sustentar a família, direitos todos têm a melhores condições de vida, mas que são negados pelos que detêm o poder público nas mãos, a classe dos menos favorecidos é excluída de tudo e de todos. E assim Patativa vai descrevendo o Brasi com suas injustiças e imperfeições.

No Brasi de Baxo eu vejo
 Nas ponta das pobre rua
 O descontente cortejo
 De criança quage nua.
 Vai um grupo de garoto
 Faminto, doente e roto
 Mode caçá o que comê
 Onde os carro põe o lixo,
 Como se eles fosse bicho
 Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
 Estes fio de abandono,
 Que veve vagando à toa
 Como objeto sem dono,
 De manêra que horroriza,
 Deitado pela marquiza,
 Dromindo aqui e aculá
 Do mais penoso relaxo,
 É deste Brasi de Baxo

A crasse dos marginá.

O eu-lírico ver a extrema pobreza nas pontas das ruas, marcadas no rosto principalmente das crianças que vivem em busca de comida para matar a fome que assolam suas inocentes vidas em vez de estarem brincando estão revirando lixeiras, onde os do Brasi de cima depositam seus restos de alimentos e assim eles se alimentam do que encontram, para saciar a fome, como bichos que vivem de restos de comidas, e assim vivem sem direitos a vida, a dignidade.

Pessoas que são jogadas as traças, de maneira desumana, sem ajuda de ninguém que falem por eles, que os represente e de um basta nessa miséria. Que faça justiça e não injustiça, que denuncie e diga eu estou aqui, fazemos parte também do Brasil, esse Brasil que é de todos e que haja igualdade social tanto para ricos como para pobres. A cada estrofe ele vai mostrando o seu desencanto, a sua indignação.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida de mendigo
Que não tem mãe nem tem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná.
Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redobre,
O Brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Aqui o discurso do eu-lírico, diz que para onde quer que o povo vá, ou seja, o sertanejo vá, a realidade vai ser a mesma, sem as pessoas poderem reclamar o que passam nas mídias sociais, das necessidades que passam no dia -a -dia porque não serão ouvidos, mais nada melhor do que o tempo, pois tudo passa e quem sabe

um dia aconteça de o Brasi de Baxo ficar no lugar do Brasi de Cima e as situações se reverterem. O povo restringido terá o seu direito ao livre-arbítrio que tanto deseja, de lutarem por seus direitos e serem respeitados pelos que exercem o poder.

Brasi de Baxo subindo,
 Vai havê transformação
 Para os que veve sentindo
 Abandono e sujeição.
 Se acaba a dura sentença
 E a liberdade de imprensa
 Vai sê legá e comum,
 Em vez deste grande apuro,
 Todos vão tê no futuro
 Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
 De riqueza todo cheio,
 Mas, que o dono do podê
 Respeite o dereito aleio.
 Um grande e rico país
 Munto ditoso e feliz,
 Um Brasi dos brasileiro,
 Um Brasi de cada quá,
 Um Brasi nacioná
 Sem Monopolo istrangêro.

Assim se ocorrer que o Brasi de Baxo realmente mude de posição com o Brasi de Cima, “vai havê transformação”, ou seja, o povo não vai mais viver na miséria, no abandono, na pobreza enfim tudo será a partir de então um verdadeiro paraíso, onde todas as injustiças serão reparadas e não haverá desavenças entre classes sociais e sim a paz.

Será um Brasil que todos os brasileiros sempre quiseram e sonharam, de grandes riquezas, belezas naturais partilhadas por todos sem exceção de classes social, cor, escolaridade e poder aquisitivo, pois o mais importante é construirmos um país de igualdade para todos.

Quanto à sua forma o poema é composto de doze estrofes. Quanto aos aspectos linguísticos, destacam-se alguns fenômenos linguísticos relacionados a estrutura da palavra e que se manifestam na escrita, e que são muito recorrentes na oralidade. Vale ressaltar que no primeiro poema, abordamos uma análise de alguns

aspectos literários, entretanto nesse, serão tratados os aspectos linguísticos e a análise será feita por ocorrências. Desse modo, observa-se o fenômeno de monotongação, que é a redução do ditongo em monotongo, como por exemplo, baxo (baixo) companhêro (companheiro); aférese que é a queda de uma fonema no início da palavra. Ex: maginando (imaginando): apócope que é a queda de um fonema no final, temos como exemplos, Brasi (Brasil), pagá(pagar); metátese que é a troca de uma fonema na mesma sílaba. Ex.: dromindo (dormindo), porpaganda (propaganda); hipértese que é mudança de um fonema de uma sílaba para outra, isso ocorre na estrofe dez: redrobe (redobre)., Há também a ocorrência de rotacismo que é a troca do l por r, como nos exemplos: crima (clima), recramá (reclamar). Vale ressaltar que esses fenômenos estão relacionados diretamente à estrutura da palavra e isso não traz mudança de significado, como já foi observado no poema anterior.

Outro aspecto a ser considerado é o uso de termos mais eruditos, como nesses dois exemplos, na estrofe cinco aparece cousa (coisa); na sexta estrofe, o uso de adjetivo roto(esburacado). Desse modo, é possível destacar que mesmo diante da obra de Patativa ser marcada pelas marcas da oralidade, típica do sertão, encontram-se também estruturas mais comuns à norma padrão, que não são comuns à oralidade.

Diante da riqueza da obra de Patativa, tem-se a possibilidade de uma análise que leve em consideração os elementos estruturais. No entanto, isso só é viável porque se tem a transposição para a escrita, já que é a partir dessas marcas podem ser percebidas essas especificidades.

Assim, nos dois poemas analisados, a partir da estrutura, foi constatado que os aspectos linguísticos demonstram, de certo modo, o valor da obra, considerando as diferenças entre a vida sertaneja e a vida urbana. Essas marcas estão presentes através da linguagem e, de certo modo, refletem as desigualdades do Brasil que estão presentes tanto no campo quanto na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o nosso objetivo foi alcançado ao longo do trabalho, pois através dos estudos linguísticos apresentamos noções essenciais para a nossa compreensão de que todo falante tem a capacidade de produzir e entender frases a partir de uma gramática interna, ou seja, todo usuário é capaz de dominar sua língua.

Por se tratar de um assunto amplo e complexo muito debatido na seara acadêmica, talvez não se tenha dado ainda tanta importância às obras que abordam as marcas da oralidade, enquanto produto de uma cultura que nem sempre é valorizada por ser escrita em uma variedade da língua e que muitas vezes é desprestigiada, mas é importante que se leve em consideração a raiz que unifica um povo numa mesma dimensão linguística.

Propusemos fazer isso, com especial atenção às transformações linguísticas que são marcas da oralidade do falante de uma determinada região, no caso o sertão.

A partir desse olhar foi possível compreender os fenômenos de nossa língua que pairam, sobretudo no Nordeste Brasileiro e que também distribui riqueza imensa de significados a partir de um povo, de uma tradição e de uma cultura popular.

Desse modo, ao longo da análise percebemos que a extensa obra de Patativa é rica em elementos linguísticos, e que a partir deles são perceptíveis marcas da oralidade na escrita, e esta revela a riqueza do conteúdo através do amálgama entre essas duas modalidades.

Assim, apresentar outra possibilidade de abordagem da obra de Patativa do Assaré a qual não só retrata a realidade do sertanejo, mas também outras questões sociais que são comuns a um Brasil urbano, onde há injustiças causadas pelas desigualdades, vale salientar que esse trabalho não tem um caráter conclusivo, pois é possível outros olhares nessa perspectiva de valorização da oralidade, a partir de uma visão linguística.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. **Antologia poética**. Organização e prefácio de Gilmar de Carvalho. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- _____. **Ispinho e fulo**. São Paulo: Hedra, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Disponível em: <https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionildo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: parte II. In: BENTES, Ana Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.
- FARACO, Carlos Alberto. Norma- padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARTIN, Robert. **Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MASCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: processos de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- ORLANDI, Eni. **O que é lingüística?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinando de. **Curso de Linguística Geral**. In: BALLY, Charles; SECHEHAYE, Albert (Org.). Trad. CHELINI, Antonio; PAES, José Paulo; BLIKSTEIN, Izidoro. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Editora Ática, 2005.